

O ESCRITOR, O LEITOR E A CRIAÇÃO

Carmen Moreno (*)

Boa noite aos escritores e a todos os amigos presentes, que trouxeram seu afeto, e compartilham da minha alegria, neste momento singular da minha história literária, quando tenho a honra de fazer parte do PEN Clube do Brasil, instituição que completa 75 anos de dedicação à literatura, aos escritores e à liberdade de expressão.

Acredito que a literatura tem o poder de transformar escritor e leitor. A literatura atende, antes de mais nada, ao seu criador. Surge de uma necessidade oculta, inominável, de uma urgência de se revelar ou



traduzir alguma inquietude, percepção ou ideia que, muitas vezes, se apresenta como prioridade absoluta, da qual ele próprio ainda não conhece a origem, o destino, nem o rosto. E que, no entanto, o faz render-se ao oculto, como um crédulo ao seu deus. Portanto, escrever um poema ou um texto em prosa é um ato de entrega, despojamento e fé.

Entendo que, sobretudo a poesia, serve em primeiro lugar ao poeta, porque escrever poesia é um impulso individual. Ninguém ouviu de seus pais na infância: “Meu filho, quando crescer, seja um poeta”. Ser ou não um poeta não depende de uma determinação externa, de uma formação acadêmica, ou mesmo de uma escolha pessoal. A poesia e a prosa servem, antes de tudo, para salvar o escritor. A literatura salva o escritor de seus fantasmas à medida que o ajuda a organizá-los, através de imagens, de metáforas e símbolos curadores, que o traduzem e o libertam, pela beleza. A literatura salva o escritor quando o obriga a transformar sua dor caótica em símbolo, em palavra essencial, em síntese.

O escritor, no seu processo lúdico de buscar imagens, na sua garimpagem de palavras para traduzir sua visão de mundo, inevitavelmente, revê e refaz, de alguma maneira, sua própria história, seu armazém pessoal de símbolos, seu inconsciente. Mesmo que sua escritura se caracterize pelo impessoal, pelo aspecto amplo e universal, a produção do texto sempre libertará o escritor das amarras que sua

história e a sociedade lhe impõem. Portanto, a literatura liberta e cura o escritor de si mesmo.

E no momento posterior e fundamental, quando o escritor compartilha, com o leitor ou ouvinte, sua criação, e esse leitor se identifica com o mundo que o criador traz à tona, a literatura amplia suas funções curadora, lúdica, combativa e reflexiva da vida. Expande o território de seu exercício. O olhar do autor se funde ao olhar do leitor, numa complementação de mundos que comove e preenche qualquer solidão. Sendo assim, a literatura também serve para nos unir, para compartilharmos alegrias e indignações, medos e culpas, para educar nosso espírito a enxergar além das aparências, para mudarmos nossa maneira de nos relacionarmos com a vida.

Admito que esta seja apenas uma síntese precária do significado da literatura na minha vida, já que, sua plenitude de ação e os invisíveis desdobramentos do seu poder, nenhuma palavra alcança.

Quero agradecer, entre tantas pessoas e amigos que sempre acreditaram no meu trabalho, à escritora, poeta, contista, dinamizadora cultural e amiga, Laura Esteves, pela indicação do meu nome para fazer parte desta Casa, que congrega notáveis escritores. Agradeço, também, ao ex-presidente desta instituição, o poeta Cláudio Murilo Leal, que me acolheu de maneira carinhosa, bem como ao atual presidente, Cláudio Aguiar, que ratificou o seu abraço de boas-vindas. E, logicamente, aos membros do PEN Clube, por me aceitarem nesse convívio intelectual e de fraternidade. Tenho certeza de que o acolhimento do PEN Clube à minha trajetória literária, por me proporcionar um exercício de troca mais íntimo e vivo com meus pares, enriquecerá, sobremaneira, meu olhar e, conseqüentemente, minha carreira e escritura.

Para encerrar, lerei um poema, extraído do meu livro Loja de Amores Usados, que representa o sumo da minha visão sobre o poder da palavra.

Quero dedicá-lo a todos os presentes e, sobretudo, aos colegas escritores e poetas, àqueles que fazem da palavra o seu ofício.

Carícia ou Desamparo

Pedra ou ponte, a palavra costura ou aparta-me do próximo.
No papel, deitada sobre a página, deflagra-me o universo.
O meu e o do outro.
No livro, a palavra não é ímpeto, como no improvisado da fala.
No livro, revisada, escolhida, oferece-me apenas o perigo da beleza. Que já é bárbaro!

O perigo de me impelir à ousada viagem de ver.
Ver-me, ver aquele que me escreve, ver aqueles que são
criados por quem me escreve.
O perigo de ver os mundos fervilhados nas folhas...
E não ser mais a mesma.
No livro, a palavra só ameaça porque me convida
a sair do lugar. A mover-me.
A palavra, estirada na página,
só pode me oferecer o risco do voo.
E o risco de toda viagem, por mar, terra ou verbo,
é sempre o voo.
Portanto, a palavra burilada do poeta, a verve,
vertida em sílabas, do escritor, é sempre bem-vinda,
mesmo quando ameaça.
Sobretudo quando ameaça!
É brinquedo, mesmo quando bélica.
Plástica, mesmo quando revela a feiura do mundo.
Salvadora, mesmo quando mata.
A palavra, pregada nas páginas dos livros,
em aparente imobilidade, está viva.
Contudo, proferida, às vezes agrupa-se tão ágil,
que não há tempo de retocar-lhe o rosto.
E a verdade brota, abrupta. E a mentira enfeita-se, convicta.
Quando proferida, sua ameaça tem natureza diversa
da que deleitamos no leito da página.
Falada, a palavra encorpa-se, cálida ou bélica.
E é carícia ou desamparo.
No entanto, uma vez expelida, segue seu curso reto,
irrevogável.
E atira sem revólver, talha sem sangue...
Mata sem vestígios.
Mas também tem o poder de socorrer,
com sua saliva salvadora, qualquer um de nós que, na dor,
encontre alguém com o dom de usá-la como abraço.
Qualquer um de nós que saiba valer-se de sua sonoridade
para adoçar a língua e salvar alguém.
Para salvar-se.
A palavra, quando fala, expulsa da boca um corpo invisível.
Quando fala, a palavra é carne, é gesto.
Mas quando cala, também é forma viva.
Disfarçada de silêncio, no fundo do pensamento,
às vezes grita seu medo de exprimir-se, parir-se.
Grita seus segredos, seu lixo orgânico e suas benfeitorias.

Viva, no caos do pensamento, a palavra inventa o futuro,
retoca o passado, e ensaia o presente - para vivê-lo.
Mas, nesse trajeto do falar ao ouvir,
pode gerar breu ou brilho,
conforme o berço preparado para acolhê-la.
Quem ouve é sempre coautor do que é dito.
A tradução de quem ouve,
seu universo de significados e imagens,
sempre ajuda a escrever paz ou guerra.
No entanto, há de chegar o dia em que,
libertos de escrúpulos e medos, domados pelo afeto,
usaremos bem mais a palavra como beijo.

(*) Discurso de Posse no PEN Clube do Brasil em 12 de maio de 2011.